

A DOCUMENTAÇÃO DO CASTELO LOCHNELL E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

ANTONIA FERNANDA DE ALMEIDA WRIGHT

No condado de Argyllshire, Escócia, junto à pequena e pitoresca localidade de Ledaig, encontra-se o Castelo Lochnell, residência de Lorde Cochrane, atual Conde de Dundonald.

O atual Lorde Cochrane, pessoa ainda jovem e dinâmica, divide o seu tempo entre esta propriedade agrícola da Escócia, (local de origem de seus antepassados), negócios de várias empresas londrinhas e a Câmara dos Lordes da qual é membro ativo.

Apesar de sua vida bastante ocupada, encontra tempo para interessar-se pela preciosa documentação ora em seu poder (1). Por isso entrara em contacto com o Scottish Record Office, há algum tempo atrás, visando proceder ao levantamento e catalogação do volumoso acervo documental que guarda no seu castelo, onde fomos seus hóspedes. A liberação para a cópia dos documentos Cochrane ou a consulta aos mesmos, estava subordinada ao desejo do atual Conde, em conhecer o conteúdo dos vários papéis escritos em português que integram a coleção.

Por acaso, havíamos deparado com uma referência a tal documentação quando estivemos na Escócia em 1965. Trocamos correspondência em seguida com o Castelo Lochnell, com o Scottish Record Office e através dos meios apropriados, obtivemos permissão para ir ver os documentos, em julho de 1967. Com o auxílio pessoal do atual Conde Dundonald, examinamos a documentação brasileira. Atendendo ao seu pedido, inteiramo-lo do teor aproximado de cada documento. Estava assim aberto o caminho para o Scottish Records Office desempenhar a sua função, catalogando esta parte da documentação dos arquivos particulares da família Cochrane.

(1) A consulta aos papéis particulares e documentação histórica da família Cochrane depende da autorização do atual Conde. Este, possivelmente, permitirá, conforme acertado conosco, ao Curador do Scottish Records Office em Edimburgo, que sejam fotocopiados os documentos que apontamos como os mais relevantes para o estudo da Independência do Brasil. Mesmo assim, a consulta a estas fotocópias dependerá ainda da autorização do Conde de Dundonald. Tivemos a felicidade de obter tal permissão. Nesse momento em que escrevemos esta comunicação, o "Serviço de Documentação Histórica" da Marinha Nacional obteve, por nosso intermédio grande parte da documentação aqui indicada, ao transferirmos, para aquele órgão, a permissão que nos havia sido dada para microfilmar o acervo de Lochnell Castle.

Bem guardada, a documentação total repousa em cerca de 12 baús bem grandes, na maioria em bom estado de conservação. Cinco desses baús contêm documentação referente a Lorde Thomas Cochrane, 10.º Conde Dundonald em sua ação na Independência de vários países sul-americanos, inclusive o nosso. Em 3 prateleiras há livros ou macos encardenados de documentos, entre os quais alguns brasileiros. A parte alusiva ao Brasil concentra-se em dois baús mencionados na Catalogação anexada ao presente trabalho com os números 5 e 6. Mais alguns desses papéis estão misturados com os chilenos no baú 7 e por isso reproduzimos parte da catalogação dos documentos chilenos.

Este é o primeiro passo para a localização e divulgação de um material fundamentalmente importante para o estudo da Independência do Brasil, além de ser rico manancial para o estudo da História da nossa armada, da qual Cochrane foi indiscutivelmente o criador e não apenas o primeiro Almirante. Esta parte referente à Marinha Brasileira encontra-se em baú literalmente repleto de ordens e de correspondência trocada entre o primeiro Almirante e os primeiros ministros improvisados de nossa marinha incipiente, caso do Marquês de Paranaguá.

Nas prateleiras do vasto sótão do 3.º andar de Lochnell, (2) encontram-se outros importantes documentos, inclusive Diários de Bordo de vários navios comandados ou capturados por Lorde Cochrane. Folheamos um deles, o diário de bordo da fragata Esmeralda, capturada por Lorde Cochrane durante a sua ação no Chile.

Há ainda vasta correspondência com as autoridades brasileiras, além de cartas particulares escritas do Brasil ou sobre o Brasil. Tudo isto, constitui um testemunho valioso de alguém que na hora apropriada, agiu de maneira decisiva, em um momento crucial de nossa história — aquela da garantia da nossa Independência que havia sido apenas proclamada.

Não basta, para tanto, recorrermos às obras entre nós já publicadas sobre a Independência. O laconismo que envolve as referências à figura de Cochrane se explica apenas pela falta de informações mais detalhadas sobre este estranho e fascinante personagem.

Anotamos vários documentos da Coleção Lochnell com a intenção de mandar microfilmá-los posteriormente. De volta ao Brasil pesquisamos a documentação diplomática britânica e verificamos que em F.O. 68/275 dos *Foreign & State Papers*, encontra-se um dos raros documentos, onde a ação de Cochrane no Brasil é insinuada. Essa é a instrução de Canning a Henry Chamberlain, no Rio, datada de 8 de março de 1824, onde vão reproduzidas as queixas do governo português contra a atuação de "súditos britânicos a serviço do Brasil".

Sabendo que no Brasil existe pouca documentação sobre Cochrane e possivelmente nenhuma direta, imaginamos que seria útil transladar para o nosso país, não apenas alguns documentos, porém a cópia de toda a Coleção.

(2) Lochnell foi adquirido pelo presente Conde há poucos anos trás. Não é o castelo tradicional dos Cochrances do passado, pois este era Culross Abbey, no Renfrewshire, também na Escócia. Lochnell encerra três estilos arquitetônicos: uma parte, original do século X, abrigara no passado monges beneditinos; a outra ala, elizabetana, e, por fim, a parte usada pela família, construída no século XIX. No sótão desta ala mais recente é que se encontram os documentos a que nos referimos. Diz Lady Dundonald estarem eles ali bem abrigados, pois Lochnell, cumprindo a praga que teria sido rogada pelos monges, já ardeu em chamas três vezes, podendo as ruínas causadas pelo fogo ainda serem vistas em uma das alas do Castelo.

Vimos em cartas sucessivas, escritas do Brasil a seu irmão, a queixa constante de Cochrane pelas dificuldades encontradas para lidar com certos dirigentes brasileiros, "sem traquejo diplomático, bitolados e difíceis de lidar".

Cochrane, por outro lado, julgava-se amigo de D. Pedro I e este lhe deu vários testemunhos desta amizade, inclusive sendo padrinho de batismo do seu filho, nascido no Brasil em 1825, o qual se chamou Arthur Aucland Leopold PEDRO, em homenagem ao Imperador.

Revela a documentação do Castelo Lochnell, entre outras coisas, não haver sido Lorde Cochrane apenas aquêle soldado da fortuna trazido à América do Sul pelo interesse de lutar a trôco de dinheiro, exclusivamente. Esse conceito veladamente insinuado, porém generalizado, a respeito do 1.º Almirante, nem sempre foi colocado assim em termos tão crus, a não ser por Varnhagen, o historiador mais empenhado em detratá-lo. Persistiu, porém, aliado à imagem de Cochrane no Brasil.

É possível mesmo que para tanto haja contribuído a demanda, não satisfeita durante a longa vida de Lorde Cochrane, para que o Brasil pagasse a dívida referente ao Prêmio prometido pelo nascente Império Brasileiro para atrair Cochrane. Este ocupava, então, o Pôsto de Almirante na armada do Chile, país cuja libertação garantira em ação naval extraordinariamente galante.

A famosa "cobrança", debatida e repetida em várias ocasiões pela imprensa brasileira (3), ou em nosso Parlamento, deve ter fixado em nossa opinião pública a insistência do cobrador, contrapondo-se à relutância do devedor, naturalmente versátil em argumentos cada vez mais sonoros à opinião pública brasileira.

Passado o momento de necessidade, procurou-se minimizar os serviços de Cochrane no Brasil invocando, não raro, rumores mal esclarecidos de possíveis manchas na reputação do 1.º Almirante em sua Pátria de origem. Naturalmente, as acusações chegadas até a América do Sul eram repetidas sem suficiente conhecimento do contexto político em que as mesmas ocorreram. Como poucos aqui sabiam Inglês, tudo indica que eram na maioria rumores de segunda mão, procedentes dos inimigos chilenos do Lorde, ou possivelmente assunto de intrigas diplomáticas no Rio.

O anti-britanismo que passou a ser cultivado mais tarde por significante parcela dos homens de estado brasileiros — e que esteve bastante agudo por volta de 1843, — (4), decerto encarregou-se de incluir em seus objetivos diminuir o gigantesco serviço pessoal prestado por Cochrane na libertação do Brasil. Isso a despeito dos compromissos assumidos com Cochrane por Pedro I em nome do nascente Império, e que foram devidamente ratificados pela Assembléia Constituinte naquele momento de verdade, com a nossa Independência proclamada, porém não efetivada.

Considerando os vários pontos até aqui aventados, parecem, ainda assim, todos eles o produto de circunstâncias pouco relevantes e incapazes de justificar o patente

(3) Entre os papéis do castelo Lochnell encontram-se numerosos maços de jornais brasileiros e panfletos do período da Independência, publicados no Maranhão, em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro, muitos dos quais não conhecemos até então. Artigos publicados no Tambo e em outros jornais apresentam-se anexados às respectivas respostas, obviamente traduções encomendadas pelo Primeiro Almirante, em retaliação aos ataques que lhe haviam sido feitos.

(4) Correspondência copiosa com as autoridades brasileiras por volta desta data, relativa à contas e prêmios não pagos a Cochrane e a alguns de seus companheiros, pode ser vista na documentação do Castelo Lochnell. As dificuldades em resolver a questão, ainda mais agudamente refletidas nessa correspondência, comprovam outro aspecto do sentimento anti-britânico, que fervia alto naquela época, coincidindo ainda com a caducidade do tratado de comércio feito com a Grã Bretanha em 1827.

descaso com que é tratada a participação de Cochrane em nossa independência (5). A necessidade de biografar com maior precisão o 10.º Conde de Dundonald seria facilitada, em parte, pelos vários estudos sobre ele publicados em língua inglesa (6). Dentre os mesmos destacamos como fonte de grande valor a própria *Autobiography of a Seaman*, mandada imprimir pelo seu neto em 1890 e publicada em Londres por Richard Bentley & Son naquela data.

O ilustre autor da *Autobiography* achava que a sua ação na América do Sul garantia não sómente a independência de novas nações, como também nestas mantivera firme tradição de livre comércio, tão proveitosa e tão essencial à Grã-Bretanha durante o século XIX. Eis aqui, nesta assertiva, um excelente tema a ser trabalhado.

Os trabalhos ingleses versam principalmente sobre a personalidade e o conjunto da ação de Cochrane, não só na marinha, como na política britânica e dão destaque às invencões navais e industriais feitas por ele. Não esmiuçam, nem se aprofundam nos fatos ocorridos na libertação do Brasil. Limitam-se nesta parte praticamente a repetir o breve histórico sobre nosso país, relatado à página 493 da edição acima referida da *Autobiography* no Capítulo IV da "Sequel", intitulado: "In the Brazilian Service". Essa obra foi compilada pelo 12.º Conde, neto de Cochrane e baseou-se em dois volumes separados que haviam sido impressos anteriormente.

Douglas, o neto de Lorde Cochrane, no Prefácio da *Autobiography*, declara que sabia por ouvir seu avô dizer, que a sua maior preocupação era ter tempo e vida para terminar de escrever as memórias dos serviços prestados na liberação das colônias espanholas e portuguêses na América do Sul. Isso e também as memórias da guerra de independência grega e a história das suas invencões científicas.

É justamente nos aspectos que mais interessavam ao velho Lorde Cochrane ao escrever sua *Autobiography*, que encontramos um vastíssimo estímulo para ir além da simples narração dos fatos acontecidos, usando, para esclarecer os, a documentação

(5) A Revista de História da Faculdade de Filosofia, da Universidade de S. Paulo, publicou em 1954, no número 19 (julho-setembro), um artigo de autoria de Aldo M. Azevedo, intitulado «Lord Cochrane, Primeiro Almirante Brasileiro». Nesse artigo, o autor faz alentadas transcrições da 2.ª edição de *The Autobiography of a Seaman*, publicada em Londres em 1861, em dois volumes. Embora o autor sugira alguns problemas referentes à importância do estudo da obra de Cochrane em nossa Independência, basela-se na parte biográfica, exatamente na edição da *Autobiografia* de Cochrane, que não traz a descrição da ação do Primeiro Almirante no Brasil e no Chile, parando em 1815, quando o autor terminou a primeira parte de sua obra. A edição que usamos, datada em 1890 e acompanhada da «Sequel», ter-lhe-ia sido mais útil, porquanto poderia ajudar a seu trabalho informações que mais de perto nos são concernentes. O Sr. Aldo Azevedo aponta, porém, outro fato que observamos ao ver os papéis de Cochrane no Castelo Lochneil. A campanha do Chile foi comentada, de fato, no livro de Enrique Bunster, citado pelo Sr. Azevedo; não foi, porém, documentada naquele livro, publicado em 1943, conforme tivemos ocasião de verificar em companhia do atual Conde Dundonald, que possui o volume em sua biblioteca. Já Otávio Tarquínio de Sousa, biografando D. Pedro I em obra de três volumes, dedicada a Lorde Conchranne apenas as seguintes referências superficiais, que na nossa opinião falam por si: «Todavia em em meio a obstáculos... como a carência de quadros dirigentes, sobretudo no setor naval, uma obra de emergência começou a ser executada ao impeto... de D. Pedro I. Assim surgiu a Marinha de guerra, instrumento MAIS eficaz para dar remate à emancipação, apertar os laços entre as províncias e pôr o país a salvo de agressões da antiga Metrópole. Vieram Cochrane e tantos outros ingleses, oficiais e marinheiros, e improvisaram-se meios de custear as despesas extraordinárias... pelo Decreto de 11 de dezembro de 1822». O grifo é nosso; as palavras, praticamente as únicas sobre Cochrane em toda a obra, acham-se à página 489, vol. II da Vida de D. Pedro I, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1952.

(6) O mais recente trabalho sobre Cochrane em língua inglesa saiu em 1965 em Londres. Não o possuímos, porém o vimos e sabemos que é trabalho mais biográfico que ensaio histórico. Temos, oferecido pelo Conde de Dundonald, além da *Autobiografia* saída em 1890, o excelente *Life of a Seaman*, de E. G. Twitchett, publicado em Londres em 1931, impresso pela University Press, Glasgow, Escócia, 1.ª edição.

do Castelo Lochnell, especialmente a referente ao Brasil. Os documentos relativos ao Chile foram mais pesquisados, porém estamos positivamente convencidos de que não havia sido sequer catalogada ou verificada a documentação brasileira até lá chegarmos, em 1967.

A leitura dos papéis brasileiros do Castelo Lochnell revela como a atuação de Cochrane, de fato, transcende o simples papel de colaborador chamado para executar uma tarefa militar mediante a promessa de prêmios e honras.

Percebe-se, ainda, como a execução de sua tarefa demandou mais do que a mera ação estratégica e a prestação de serviços navais, nos quais era sabidamente uma autoridade.

Fica patenteada, sobretudo, a irrelevância do fato de haver sido Cochrane um instrumento pago para lutar nos mares e portos brasileiros. É preciso acrescentar-se que do mar, lógicamente, viriam maiores reforços português, não fossem eles de pronto postos em fuga, ou capturadas as naus que os traziam.

O fato de Cochrane sustentar uma luta naval para a qual não tínhamos sequer os requisitos mínimos necessários é que importa e é decisivo. Garantiu a Independência onde ela precisava desesperadamente de garantias. Além disso, a correspondência com as autoridades instaladas após a ação vitoriosa da Bahia, de Pernambuco, de Maranhão e do Pará, bem demonstram a ação de alguém pessoalmente envolvido e possivelmente emocionalmente arrebatado pela causa da Independência brasileira.

Vimos desenhos submetidos à aprovação de Cochrane para os uniformes da nossa armada; vimos a correspondência miúda do nosso Primeiro Ministro da Marinha jamais perdoando ou esquecendo a submissão que fôra obrigado inicialmente a prestar o Primeiro Almirante. Agradeceria mais ao ministro, decerto, tê-lo como seu alter ego e não como superior, diz o Lorde em um dos documentos.

Notas e contas trocadas com a Junta do Maranhão a qual encaminhara Cochrane o produto das alfândegas portuguêses e das imensas riquezas daquele cobrado território provam que houve falta de ilusão da parte da mesma junta e não de Cochrane, no arrolamento e no trato da coisa pública.

Como bom escocês, Cochrane fazia de próprio punho sua contabilidade, bastante minuciosa, e nela comprovam-se os aludidos fatos da Junta do Maranhão.

Ao regressar ao Rio, o clima de oposição ao Imperador, que começava a instalar-se, acabou envolvendo aos poucos também a Cochrane, o amigo fiel de D. Pedro. A despeito de seus ideais liberais, o nobre escocês compreendeu e enfronhou-se suficientemente nas dificuldades encontradas pelo Imperador em criar a máquina política e os meios para ação do governo da nova nação, a tal ponto de aprovar a implantação da Carta Outorgada.

Nas já referidas cartas do irmão, Cochrane, menciona vários fatos relativos à conjuntura política do Brasil em 1824 e 25, dizendo inclusive que possuía planos feitos para atacar Portugal na Europa, se a paz e o reconhecimento não viessem de Portugal.

A homenagem prestada na Abadia de Westminster pela oficialidade do navio brasileiro Floriano, em 1901, à memória de Lorde Cochrane foi sem dúvida comovedora. Porém a apreciação e o reconhecimento da Marinha Brasileira não devem constituir o único tributo ao papel desempenhado pelo 10.º Conde de Dundonald em nossa história.

É sem dúvida significativo o fato de que Cochrane, temporariamente trancado com multa de 1000 libras paga pela contribuição de um "dinheiro" (ou "penny") na Prisão de Kings' Bench, acusado de fraude contra a Bólsa de Londres, de lá saiu dado pelos eleitores de Westminster, região representada por Cochrane na Câmara dos Comuns, antes de vir para a América do Sul. Repousa ele entre os santos reis e heróis da Grã Bretanha, na Abadia de Westminster, a despeito da passagem pela prisão.

Aquélle descendente de longínquos invasores escandinavos, estabelecidos por conquista no antigo baronato e nas vastas propriedades do Condado de Renfrewshire, Escócia (7), pertenceu a uma família onde corria uma apreciável veia de genialidade e invenção sendo ele próprio, assim como seu pai o fôra, autor de várias descobertas (8). Não seria homem para viver uma vida plana e moderada. Tinha a inquietude e a inventiva a correr-lhe nas veias. Havia sido talhado para o imprevisto e para o novo — não era um acomodado. A América do Sul não teria sido para ele apenas mais uma missão naval capaz de mitigá-lo da permanente penúria em que o pai inventor o deixara e que a perseguição dos rivais políticos agravara.

Mais felizado do que seu pai (8), Thomas Cochrane viu muitas de suas descobertas adotadas ou reconhecidas. Entre elas destacam-se um tipo especial de caldeira a vapor aprimorada, na qual teve interesse a Marinha mercante americana; um tipo especial de gás de iluminação e vários derivados do carvão e antracito. Várias das patentes registradas por Cochrane entre 1813 e 1815 renderam-lhe, a partir dos 51 anos, fama e dinheiro. Quando o túnel Blackwell foi aberto na Inglaterra (1898), foi pago tributo pelos construtores a Lorde Cochrane pois este em 1830 havia patenteado o método de usar ar comprimido na construção de túneis, empregado primeiramente nos Estados Unidos, no túnel Hudson. Sem aquela patente, a crer-se na palavra dos contratadores, o túnel Blackwell teria sido inexequível.

Também inventou tipo de máquina a vapor acrescida de especial movimento circular. Foi ela inicialmente adotada nos Estados Unidos e depois de muito tempo na Marinha britânica, em cujas fileiras (e com os devidos reparos) Cochrane havia sido reintegrado em 1832, quando gente de seu partido, Whig, progressista, reformador, obteve a importante vitória do "Reform Bill" e substituiu os "tories" empedernidos que o haviam perseguido antes.

Na construção naval também colaborou com sugestões e invenções para aperfeiçoamento, sobretudo no desenho de navios, visando maior mobilidade e rapidez nos mesmos. Suas seguidas sugestões culminaram com a permissão de que a fragata "Janus" fosse construída em 1843/4 sob a sua direção, no estaleiro de Chatham, em caráter experimental.

Além desses inventos de engenharia, Cochrane possuía um "plano secreto de guerra" desde 1811 e que sómente em 1834 foi reconsiderado quando apresentado a Lorde Minto e depois a Lorde Lansdowne, porquanto então havia perigo de uma guerra com a Rússia. Esse plano secreto, nada mais era que o uso de gás de mostar-

(7) Crawfurd, *History of Renfrewshire* (capítulo «Peerage of Scotland», publicado em 1710, apud Twitchett, E. G., *Life of a Seaman* (Thomas Cochrane, Earl of Dundonald, 1775-1860), Londres, 1931, descreve a família Cochrane «de grande antiguidade neste condado, cujos ancestrais possuíram essas terras durante uns bons 500 anos».

(8) O pai de Lorde Cochrane, Archibald, 9.º Conde Dundonald, arruinou-se várias vezes devido a suas invenções e experiências, feitas na propriedade da família, Culross Abbey. Trabalhava em experiências com betum, sendo MacAdam seu empregado no início. Transferindo-se depois para Londres, MacAdam desenvolveu métodos usados pelo Conde Dundonald na Escócia e assim, chegou à descoberta do método de pavimentação que até hoje leva seu nome. Uma outra invenção naval do mesmo Conde, para preservar a integridade dos cascos dos navios contra os vermes que os atacavam, recebeu do céltico Almirantado, que também auferia lucros dos estaleiros de reparos dos navios, a seguinte resposta: «Por que destruir o verme, Milord? Ele é o nosso melhor amigo!» (Thomas Cochrane, *Autobiography of a Seaman*).

da, de um tipo menos virulento do que o usado na 1.^a guerra mundial pelos alemães (9). Foi porém rejeitado pelas autoridades inglesas sob a alegação de que o seu emprêgo era desumano.

Não é de admirar-se a engenhosidade que Cochrane demonstrou na sua ação naval no Brasil. Os português foram surpreendidos (e por isso vencidos) com a sua entrada considerada então impossível, à noite, no canal do pôrto da Bahia. Nem é difícil entender como conseguiu esse homem, imaginativo e versátil, fazer funcionar a pólvora estragada do "Pedro I", sua nau capitânia de velas podres e equipamento inadequado com a qual venceu, sózinho, as primeiras refregas contra os navios português hostis e em número muito superior!

Não é de estranhar ainda, como dirigiu a reparação e a organização do "Nicterói" e do "Piranga" apesar de falta de marinheiros treinados e das sabotagens de português contra a qual teve de lidar até dentro de sua nau capitânia.

Todos os feitos navais excepcionais de Lorde Cochrane no Brasil têm sido, até agora, mencionados ou citados como exemplo de bravura sem que porém tenha havido suficiente interesse em explicá-los, além da superficialidade da narrativa. Explicá-los como o resultado de ação e planejamento rápidos, produto da inventiva e genialidade de um homem que mesmo em seu país natal estava à frente de sua época é tarefa essencial.

Cochrane era um expoente daquela Grã-Bretanha em mudança, em transição e onde homens de sua geração iriam forçar as reformas que os guindariam ao poder. Como tantos outros, iguais a ele, não poderia deixar de ter sido combatido, aviltado e perseguido pelos "torles", irredutíveis e avessos à ascensão da nova mentalidade e à passagem do poder para a nova classe social que afinal o desfrutaria. Sómente depois de 1832, tendo sido forçada a adoção do "Reform Bill" na Grã-Bretanha engajaram-se povo, burguesia e mesmo alguns nobres na mesma ânsia de renovar, inventar, modernizar e transformar o seu país estruturalmente, eliminando o anacronismo e o paradoxo a fim de que sua "modernização" tivesse lugar.

Cochrane, quando resolvera aceitar a proposta do Chile, estava desiludido e arruinado. Esta lhe fôra feita por intermédio de D. José Antonio Alvarez na primavera de 1817. Ao dirigir as operações navais necessárias à liberação do Chile, não há dúvida, porém, que Cochrane esperava poder contribuir para a causa liberal que o empolgava, e tanto isto é fato que recebeu, antes de partir, proposta do governo espanhol e a recusou para empreender a tarefa justamente oposta. Viajou para a América do Sul a fim de ajudar e não esmagar a revolução do Chile! Como lhe teriam pago os espanhóis para fazer, e as razões das finanças arruinadas o teriam aconselhado a aceitar a proposta menos arriscada.

No Parlamento britânico, a 13 de maio de 1819, os inimigos dos liberais e de Cochrane apresentaram ansiosos um "Bill" (10) que cuidadosamente redigido visava a passagem da lei efetivada em julho do mesmo ano e chamada *Foreign Enlistment Act*. Esta lei classificava como ato de pirataria o concurso de britânicos nas lutas de colônias em rebeldia contra suas metrópoles.

(9) Contou-nos o atual Lorde Cochrane que metade da fórmula secreta do gás de mostarda, não tendo sido aprovada para uso pelo governo britânico, por motivos humanitários, permaneceu na família. A outra metade ficou em mãos do 1.^o Lorde do Almirantado. No inicio da guerra de 1914, os Cochranes tinham um mordomo alemão servindo precisamente a família do neto de Thomas Cochrane. Esse mordomo conseguiu copiar a metade pertencente aos Cochranes. De posse dela embarcou para a Alemanha. Não custou muito tempo para os cientistas alemães deduzirem o outro lado da fórmula, desenvolverem-na e usá-la contra os aliados. A correspondência referente à apresentação do plano encontra-se entre os papéis do Castelo Lochnell.

(10) Apud, *A Sequel to the Autobiography of a Seaman*, op. cit., p. 455, nota de pé de página.

A proposta desta lei apressou a partida de Cochrane e de seus companheiros para Valparaíso. Acompanhado de Lady Cochrane e dois filhos infantes, o Conde de Dundonald chegou ao Chile, de mudança, em novembro do mesmo ano, antes que a lei estivesse vigorando.

No Brasil onde o Império nascia segundo constava sob a égide de um princípio de idéias liberais como as dele, Cochrane, é impossível supor-se que sua atuação de colaborador, admirador e amigo de D. Pedro I (11), ficasse cingida ao simples serviço de cunho militar. Há evidência, nos despachos e na correspondência com o Ministério da Marinha brasileira, de que Cochrane decidiu e agiu sózinho em várias instâncias, sobre assuntos cuja repercussão nos destinos do futuro Brasil independentemente eram profundas.

A grande desilusão de Cochrane quando a Assembléia Brasileira privou-o das terras concedidas na patente imperial que lhe dava o Marquesado do Maranhão, sugere também o desejo do Conde em conservar bens de raiz no Brasil.

No Chile, San Martin fôra seu grande amigo e por ele Cochrane nutria admiração. Quando a liberação foi concluída e logo depois San Martin transformou-se em ditador e homem forte do Peru, procurou logo livrar-se da concorrência de Cochrane, clumente de seu prestígio.

Representantes de cabildos locais não deixaram de procurar Cochrane. E éste os aconselhava a fugir, tanto quanto possível, dos métodos administrativos espanhóis na edificação das novas nações sul-americanas. Cochrane viu na agitação dos cabildos, já então, certa tendência prenunciadora das correntes em oposição e dos interesses divergentes que foram responsáveis, mais tarde, pelas agitações convulsoras das novas nações sul-americanas.

Nos Andes como no Brasil, a ausência de suficientes quadros dirigentes locais, com prática no exercício da liberdade e da governança, limitava as possibilidades de uma tranquila evolução na senda da consolidação política destas jovens nações independentes, pensava o Lorde.

De fato, mesmo tendo sido cortados os laços políticos com as respectivas metrópoles europeias não fixaram, durante muito tempo, estas novas nações o seu destino americano e continental. Mesmo quando o "chauvinismo" de seus dirigentes improvisados e desorientados procurou afastar a permanência física de qualquer influência portuguesa ou espanhola, poderosos interesses daqueles países foram mantidos na América do Sul e com eles, compromissos europeus das antigas metrópoles que os perturbariam depois.

A reação contra, D. Pedro I, no Brasil, bem como o clima propício ao caudilhismo na parte espanhola da América do Sul são fatos realmente opostos, porém decorrentes de condições semelhantes em muitos pontos. Sua problemática seria quicá melhor

(11) Dessa admiração, um pouco mais mesclada de romantismo feminino, partilhou a grande amiga de Cochrane no Brasil, possivelmente sua colaboradora e informante no Rio de Janeiro, enquanto o Almirante estava em ação no Norte. Seu nome foi Maria Graham, filha do nobre Sir David Dundas, de família influente na Escócia. A futura Lady Calcott ficara, naquela época, viúva, tendo o Capitão Graham falecido nos mares sul-americanos. Teve ela copiosa e cordial correspondência com Lorde Cochrane. Residiu no Brasil de 1821 a 1823 e depois permaneceu no Chile até 1825, tendo de lá regressado ao Brasil no início do mesmo ano.

Há um lapso no que houve na vida da famosa escritora daí até 1827, quando aparece já na Inglaterra, frequentando rodas intelectuais e artísticas nas quais conheceu seu segundo marido, Lorde Calcott, com quem casou-se em 1828. Fez depois disso novas viagens e publicou vários livros sobre as mesmas e também livros infantis. No Dicionário Britânico de Autores, Maria aparece com o nome de Lady Calcott e é assim conhecida na Inglaterra. Seu único filho, para quem escreveu inúmeras histórias infantis, chamou-se Arthur — o mesmo nome do filho brasileiro de Lorde Cochrane.

esclarecida se a documentação do Castelo Lochnell estudada e meditada, pudesse projetar, como achamos que pode, novas e mais significantes perspectivas sobre a ação de Lorde Cochrane na América do Sul.

Logo após comandar a luta naval decisiva na libertação do Chile, Lorde Cochrane importou uma impressora para Valparaíso. Esse simples gesto bem demonstra que o Lorde não dava por terminada a sua missão com a vitória militar apenas. Pensava, e muito, na consolidação da liberdade política e importavam-lhe os meios dos quais se nutrem as idéias liberais, como é o caso da imprensa livre.

Faz-se mister sobretudo dar ênfase ao fato de que aquêle homem do mar, a quem D. Pedro convidara, mandando dizer-lhe (12) "Le Brésil vous sera une nouvelle patrie;... la Gloire vous appelle, un Prince Magnanime et une Nation toute entière vous attendent", era um britânico que não representava a linha política da Grã-Bretanha, quando aceitou o convite brasileiro. Esse escocês teimoso, genial e inconformado, era sim, um arauto que anuncjava uma realidade britânica do futuro.

Em 1822, a Grã Bretanha apegava-se ainda aos compromissos de uma Europa da qual iria em seguida apartar-se; mas tal política era ainda embrionária mesmo com a ascensão de Canning, ocorrida em 1822. Desenvolveu-se ainda assim essa política, em fórmula tipicamente conciliatória, vislumbrada pelo famoso "tory" moderado, e consubstanciou-se na idéia de "trazer o Novo Mundo para pesar nas decisões do Velho" (13). É sabido, por outro lado, para que fosse criado esse Novo Mundo fazia-se mister agir. Como o fez Sir Alexander Thomas Cochrane, membro dos Comuns, liberal reformador e que na cadeira da Câmara dos Lordes, mais tarde herdado ao tornar-se 10.º Conde de Dundonald, continuou sempre a lutar pelo reformismo em que acreditava, nos moldes de sua ação na América Latina e no Brasil.

PAPEIS DA FAMÍLIA DUNDONALD — Baú 5.

Muitos dos pacotes neste baú mostram sinais de humidade.

- n.º 440. Livro de Ordens de Lorde Cochrane enquanto estêve no Brasil, 1823-4. (Capa, primeirá e última páginas cobertas de mofo).
- 441. Relatórios sobre funerais de marinheiros (2), 1823.
Cartas em português, 1824.
Lista da tripulação do "Pedro Primeiro", s/d.
Lista de Oficiais e homens que receberam prêmio em dinheiro, 1824.
- 442. Testemunho do Brasil com Iluminuras para Lorde Cochrane, 1823.
- 443. Cartas relativas às demandas do 10.º conde; prêmio em dinheiro a ele devido. Originárias de Bramley Moore & Co., Liverpool; John Moore & Co. do Rio de Janeiro, e cartas em português, 1855-7.
- 444. Acordo na demanda contra o Governo Brasileiro acertado com o 11.º conde, 1875.

(12) Carta-convite escrita por Antônio Maciel Correia da Câmara, Cônsul e agente do Império do Brasil em Buenos Aires, datada de Buenos Aires, 4 de novembro de 1822, reproduzida em *Exposição de Motivos*, panfleto impresso em Londres, Tipografia Thevenet e Cia., Rua d'Ajuda 16, Rio de Janeiro.

(13) «I called the New World into existence to redress the balance of the «Old», dezembro de 1826, discurso de Canning, cf. Temperley, Harold, *The Foreign Policy of Canning, 1822-1827*, G. Bell & Sons Ltd. Londres, 1925. p. 154.

445. Cartas referentes a prêmio em dinheiro, 1822-5 e 1953-70.
 Os missivistas são: John Miers, engenheiro e botânico que acompanhou Lorde Cochrane à América do Sul.
 H. Dean, possivelmente contador na Bahia.
 Lorde Wodehouse, Foreign Office.
 John Moore & Co., Rio de Janeiro.
 Décimo Conde (cópias).
 A. S. Hammond.
 Sir H. Reid.
 Cartas assinadas pelos capitães e oficiais da esquadra chilena dirigidas a Lorde Cochrane expressando indignação contra relatos vls, espalhados por indivíduos deste pôrto (Valparaíso) com objetivo de atingir o Lorde; pediam que alguma admoestação fosse aplicada para dar exemplo. 30-9-1822.
446. Cartas de Bramley Moore & Co., Liverpool, relativas às demandas brasileiras, 1857-60.
 Cartas em espanhol, 1822.
447. Cartas de Bramley Moore & Co., e de John Moore & Co., Rio. (sinais de mdf).
448. Cartas de autoridades da Bahia, Pernambuco e Paraíba a Lorde Cochrane, comandante da Marinha Brasileira, 1824, incluindo:
 Congratulações do governo da Bahia na chegada da esquadra naquele pôrto.
 Correspondência com Pernambuco neutro, a respeito do bloqueio feito por Lorde Cochrane.
 Cartas do General Lima em Pernambuco (em português).
 Cartas de Simplicio Dias da Silva, câmara de Paraíba, em português.
449. Correspondência com John London relativa a prêmio em dinheiro, 1825.
 Cartas de cônsules americanos e britânicos em Pernambuco, e capitão Hume do "Tweed" relativo ao bloqueio de Lorde Cochrane ao pôrto e a navios neutros, 1824.
 Cartas do tenente Clarence no Pará, 1825.
450. Volume de "Estado de la Población de las Yslas Filipinas 1817", impresso em Manilha, 1819.
 Cartas em português e inglês, 1822-6 e 1854-2:
 Francisco Leal, Antônio M. Corrêa da Câmara, cônsul brasileiro em Buenos Aires, cópias: Lorde Cochrane no Maranhão, 31-3-1825, a H. Chamberlain e Dr. Dickson no Rio de Janeiro, referentes a relatos maliciosos dos atos de Lorde Cochrane e de suas intenções. Menciona que ele havia pedido permissão ao Imperador para se retirar.
 Ao ministro da Marinha, 22-12-1826, de Genebra, relativo ao desejo do Imperador para que Lorde Cochrane volte como Comandante em chefe da Marinha. Como anterior acima, 29-1-1826. Ataque à conduta de Lorde Cochrane, seu pedido de pagamento etc.
 Ao Dr. Jenner em Nova York, 1855, no impasse a respeito do processo da invenção de novos usos do betume, e demandas brasileiras.
 Petições feitas a Pedro I e II, imperadores do Brasil, e ao governo do Brasil relativas as demandas do 10º conde, s/d.
 Documento acusando o recebimento das demandas, acima referidas, pelo governo brasileiro, 1858.
 Rascunho respondendo a carta de "Curioso" publicada como um suplemento grátil do *Diário Curioso*. O autor da resposta, possivelmente o 10º conde (Cochrane) apóia, em sua carta, a política do então ministro da Marinha. Este age em oposição ao seu antecessor na Pasta, que pugnava por uma oposição cerrada contra Portugal s/d.

451. Carta de Lorde Cochrane ao Imperador do Brasil, Ministro da Marinha e Secretário do Estado, com respostas relativas a reclamações pela demora de recompensa à Marinha; intrigas contra Lorde Cochrane; pacificação do Maranhão e Ceará; présas feitas no Maranhão, e viagem da "Piranga" à Portsmouth, 1823-6.
Proclamação de Lorde Cochrane aos habitantes de Pernambuco, cópia, 1824.
452. Cópias de tratados feitos entre Grã-Bretanha e Portugal, 1793, 1810 e 1815
Leis brasileiras referentes à distribuição de prêmios em dinheiro e sua procedência, 1823.
453. Três cartas do Imperador do Brasil e decreto referentes à Lorde Cochrane, 1823.
Memorial à República do Chile, 1854.
Carta do Brasil, em português, 1854.
Panfleto em português relativo às demandas junto ao governo do Brasil, do 10.º Conde.
454. Cartas em Português de:
Presidente da Província do Rio Grande do Norte, 1824.
Presidente de Pernambuco, 1824.
Presidente do Pará e comandante das tropas do Pará, 1824-5.
456. Cartas em português e ofícios dirigidos a Lord Cochrane, 1823-5.
Cartas do capitão (mais tarde comodoro) Jowett referentes às petições de prêmio em dinheiro, bloqueio de Pernambuco e supressão da insurreição no Maranhão e Ceará, 1823-5.
Cartas de oficiais comandantes de navios de guerra em Pernambuco, principalmente em português, mas incluindo algumas do capitão Jewett em inglês, 1824.
457. Relatórios impressos na Guiana Britânica; no território de Mosquitó e Barbados, e nas pescarias da Terra Nova.
458. Cartas, 1824.
Presidente Bruiel.
Presidente do Ceará.
Luis da Cunha.
Junta do Maranhão, (em português).
Balanço de contas do Maranhão, 1822.
459. Jornais: "Valparaiso Mercury" e "El Nacional", 1842-59.
460. Carta do capitão Marshal da Marinha Real Britânica, referente a seu irmão, prisioneiro em Lima, 1823.
Carta de Robert Hesketh no Maranhão a respeito da insurreição de lá, 1824.
Carta do 10.º conde que seria enviada ao imperador do Brasil, s/d.
Carta de Lorde Palmerston e do Foreign Office ao 10.º conde, referente às demandas do conde junto ao governo do Brasil, 1847.
Cartas e papéis referentes à cobranças ao Governo Brasileiro pertencentes ao 11.º conde.
461. Jornais brasileiros de 1824.
461. Jornais brasileiros de 1824.

462. Cartas:
 Junta de Maranhão, 1823.
 Pedro José da Costa Barros, 1824.
 Cópias de cartas de e para o general Lima, 1824. . .
 Cópia da carta de Lorde Cochrane ao Secretário de Estado dos Negócios do Império (do Brasil), relativa ao tratamento de oficiais e homens a serviço do Imperador, 1824.
 Cópia da carta ao presidente do Chile, 1856.
 Contabilidades das despesas da Província do Maranhão, 1823.
463. Cartas de:
 Comandantes Militares no Maranhão, 1823.
 Presidente Lôbo, da Bahia, 1823-5. Em português.
464. Descrições do Maranhão, 1819-21.
 Carta de Lorde Cochrane ao Imperador, quando de sua chegada ao Rio, (1823). Sugestões para melhorar a Marinha Imperial Brasileira, s/d.
 Exposição ao Imperador brasileiro (Cochrane-s/d).
 Petições a Pedro II, s/d.
 Relato dos serviços prestados ao governo do Brasil, s/d.
 Esquema de petições à Legislatura Brasileira, s/d.
 Carta a um jornal do Rio de Janeiro, s/d.
465. Carta a Lorde Cochrane dos capitães Norton, Gillet, Grenfell e Hayden a serviço da Marinha Brasileira, pedindo instruções e relatando operações, presas tomadas, e dificuldades com governadores locais, e cartas do capitão Jowett referente a sua prisão e punição, 1823-24.
 Documentos em português sobre mesmo assunto.
466. "Fatos Documentados". Impressos contendo cartas trocadas entre Lorde Cochrane e autoridades brasileiras durante a luta pela Independência, 1823 a 1825 (mostram sinais de mofo).
467. Volume contendo "Uma carta de Lorde Cochrane, 1.º Almirante do Brasil ao Secretário do Estado dos Negócios Internos do Império, mostrando a injustiça de que foram vítimas oficiais e marinheiros no Serviço Naval", 1824. (mostra sinais de mofo).
468. Cartas do 11.º conde a ministros do exterior da América do Sul, 1866.
469. Mapa do Rio da Prata (possivelmente desenhado por Lorde Cochrane).
470. Cartas referentes à chegada de Lady Cochrane ao Rio de Janeiro, 1823.
 Cartas e papéis referentes a demandas brasileiras, 1875-7.

PAPEIS DA FAMÍLIA DUNDONALD — Baú 6.

Muitos maços neste baú mostram sinais de mofo.

Os maços 182-218 contêm principalmente correspondência entre Lorde Cochrane (depois 10.º conde) e William Jackson.

182. Correspondência com Jackson referente ao seu poema "The Gambyriad", edição particular por conta de Lorde Cochrane, 1811.
183. Como acima, 1812-15. Contém muitas referências ao processo da bolsa de Londres.

184. Como atrás (corresp. com Jackson), 1815-17, incluindo cartas de Jackson a sua esposa. Assuntos incluindo ajuda de Jackson para obter a absolvição do irmão de Lorde Cochrane na Corte Marcial; Pronunciamento de Jackson dizendo que ele não pensava em acompanhar Lord Cochrane à América do Sul; Decisão da Corte de Présas relativo a prêmio pela captura do "Calcutá"; Inquérito de "Basque Roads" e planos e panfletos atacando o "inimigo" (grifo original).
Carta de Lorde Cochrane a seu irmão, Major Cochrane, de 26-11-1816, da prisão de Kings Bench mencionando a recusa do missivista de pagar multa e onde diz: "Tive sucesso finalmente em empolgar o bom povo de Westminister para que tratasse de meus assuntos".
185. Fragmentos de cartas de e para Jackson, s/d.
Ordens de Lorde Cochrane a seu agente em Valparaíso para pagar 250 dólares espanhóis a Jackson, 1822.
186. Carta de Lorde Cochrane a seu irmão Major William Cochrane, 1819-24. 7-8-1819-Santiago, Chile: "Procederemos à destruição das forças inimigas em Calao, em cerca de 8 dias". 10-4-1820-Valparaíso. Preparando-se para invasão do Peru "Outro dia tomei Valdivia... de surpresa com apenas 350 homens".
abril/1824. "Estou lutando contra o relógio aqui (Rio) com o mesmo tipo de pessoas que eu deixei no outro lado — um grupo ignorante, obstinado e bitolado".
187. Carta de Hoseadon a Jackson tratando da chegada dêste, do Brasil.
188. Carta do 9.º conde a Lorde Cochrane sobre assuntos financeiros, 1823.
189. Correspondência com Jackson, 1825.
Assuntos tratados:
Reclamações de Dean contra Lorde Cochrane.
Proposta de publicação dos relatos das viagens de Jackson.
Pagamento de prêmio em dinheiro.
Preparação de ofício ao Imperador e carta a Severiano.
192. Como acima, 1830, preparação para testemunho e petição ao Rel.
193. Como acima (corresp. com Jackson), 1831.
Denúncia das falsidades de Berenguer.
Tentativa para provar a inocência de Lorde Cochrane na fraude da Bólsa de Londres, e conseguir a reversão do veredito.
Cópia da carta de Jackson a Lorde Brougham a respeito de tentativas de provar a inocência de Lorde Cochrane.
194. Como acima (correspond. com Jackson), 1832.
Processo contra George Sutton, Cochrane e contra May e Lukin, (veja-se -baú 9).
cópia da carta de Lorde Grey a Lady Dundonald informando a concessão do perdão do Rei a Lorde Dundonald.
195. Como acima (corresp. com Jackson), 1833.
Tentativas para aperfeiçoar o motor rotativo.
196. Cópia de carta do 10.º conde a Lady Dundonald sobre assuntos familiares e pessoais, 1833.
197. Correspondência com Jackson, 1835:
Processo contra George Sutton e Cochrane.
Experiências com o motor rotativo.

198. Como 197 (corresp. com Jackson) 1836:
Motor rotativo.
Impressão dos panfletos de Jackson, "Exame do fracasso na Câmara dos Lordes em dar apoio à ferrovia Londres a Greenwich".
199. Como acima (corresp. com Jackson), cópia. 1830-70.
Petição ao Rei.
200. Como acima (corresp. com Jackson), 1837-9.
Interesse da Casa da Índia no progresso do motor rotativo; relatório de Bramah ao Almirantado.
210. Como acima (corresp. com Jackson), 1839.
Bramah ao Almirantado.
Memorial de sondagem ao governo imperial relativo ao meio sólido de Lorde Dundonald.
202. Como acima (corresp. com Jackson), 1840:
motor rotativo.
202. Como acima (corresp. com Jackson), 1840-2.
Petições chilenas.
Motor rotativo e experiências do Almirantado.
203. Como acima (corresp. com Jackson), 1844.
motor rotativo.
restauração da "Ordem do Banho".
Caldeiras do "Janus".
Petições chilenas.
Carta de R. Taplin em Portsmouth.
204. Como acima (corresp. com Jackson), 1845.
Petições chilenas.
preparação do "Manifesto" (grifo original).
Construção do "Janus".
- 204a Como acima (corresp. com Jackson), 1845:
petição para pagamento do sólido.
- 205a e b Como acima (corresp. com Jackson), 1846.
Petições chilenas.
motor rotativo.
Plano Secreto.
Preparação da "petição" e proposta de apresentação ao Parlamento.
206. Como acima (corresp. com Jackson), 1847, e incluindo:
Cartas de Lorde Lansdowne e John Pascoe Grenfell sobre a apresentação do memorial e petição ao imperador do Brasil.
207. Como acima (corresp. com Jackson), 1848-9:
Soldos atrasados.
Motor rotativo.
208. Como acima (corresp. com Jackson), 1850-1:
Adoção da caldeira de Lorde Dundonald pela Great North American Steam Packet.
Decisão do Almirantado contra as caldeiras.
Desengano financeiro de Jackson e Lorde Dundonald.

209. Como acima (corresp. com Jackson), 1852:
Caldeiras.
Mr. Earp e preparação da biografia do 10.º conde.
Entrevista entre Samuel Cunard e o 10.º conde a respeito das caldeiras.
210. Como acima (corresp. com Jackson), 1853:
Experiências com o espalhador de lastro para navios.
Goma elástica.
Peticções brasileiras.
A esperança do 10.º conde em ser nomeado governador do Hospital de Greenwich, e seu desapontamento.
Plano para revestimento de cano de água com betume.
211. Como acima (coresp. com Jackson), 1854.
212. Documento, 1855.
213. Documento, 1856.
214. Documento, 1857.
Atendimento das peticções brasileiras.
215. Como acima (corresp. com Jackson), 1858.
- 216a e b Como acima (corresp. com Jackson), 1859-60.
Preparação da *Life* (Vida de um marinheiro) incluindo carta de Jackson a Earp.
217. Como acima (corresp. com Jackson), incluindo cartas de Jackson a Earp.
218. Correspondência entre Jackson e Earp., 1861-2.
228. Conta do 10.º conde com Coutts & Co., Messrs Ricardo e Bank of British North America, 1823-47.
229. Contas do 10.º conde com Messrs Ommaney. 1851-60.
230. Livro de crédito da conta do 10.º conde com Coutts & Co., 1845-60.
231. Livro de contabilidade e talão de cheque do 10.º conde, 1859-60.
231. Recibos e talões de cheques do 11.º conde durante visita ao Brasil, 1865.
232. Livro de crédito e talão de cheque do 11.º conde em contas com Messrs Glyn Mills Currie e Messrs Drummond.
233. Diário do 11.º conde, 1858-61.
234. Como em 232.
236. Carta a Lord Dundonald de G. McDonald, comandante do *H.M.S. Dablin* em Valparaíso. 1834 a respeito de travessias a vapor, do Atlântico, Arthur filho de Lord Dundonald e ações do governo chileno.
Cópias de cartas do coronel Miller ao Lorde Dundonald pedindo certificado de serviços prestados, 1854.
237. Cópias de cartas do Almirantado referentes ao Chile, 1819-24.
Rascunho de carta de Lorde Cochrane ao general San Martin dando conselhos e dizendo "Você tem a possibilidade de ser o Napoleão da América do Sul" s/d.

- Relatório de acusações de San Martin contra Lorde Cochrane, 1822.
 Diário de Jackson enquanto na América do Sul, 1823-25.
 Cartas de capitães da Marinha Chilena com relação a boatos da intenção de Lorde Cochrane em renunciar seu comando s/d.
 Cópias de instruções a capitães da Marinha Brasileira s/d.
 Mensagens ao povo e a Assembléia Legislativa do Chile s/d.
 Mensagem a Assembléia Legislativa do Brasil.
 Cartas de John Pascoe Grenfell sobre a volta de Lorde Cochrane da Grécia, 1828.
 Cartas do Sr. Metcalfe, Lincoln's Inn, 1832.
 Rascunho da carta de Lorde Dundonald a Lorde Palmerston a respeito do recebimento da Ordem da Grécia, 1838.
 Carta de Lorde Dundonald a William Jackson com tradução de decreto do governo chileno, 1845.
238. Relatório dos serviços de Lorde Cochrane no Peru (em espanhol).
 Memorial impresso do 10.º conde ao Chile, 1845.
239. Carta do Diretor do Chile de Corrêa de Sá, e observações de Lorde Cochrane, s/d.
 Correspondência com Sir Thomas Hardy e outros oficiais britânicos a respeito do bloqueio, 1819-21.
 Relatórios, cartas e papéis a respeito da liberação do Chile, 1820-21.
 Cartas do general San Martin e outros (em espanhol) a respeito do esquadrão chileno, 1821-22. Rotuladas "Cartas Chilenas de pouca importância".
 Relatório de despesas feitas na guerra chilena pelo capitão Simpson do "Araucano" 1821-22.
 Nota cronológica dos acontecimentos no Chile, 1821.
 Carta em espanhol.
 Livro miscelâneo também contendo grande número de papéis avulsos. (em espanhol)
 Cartas trocadas entre Lorde e Lady Cochrane e Bernardo O'Higgins, diretor do Chile, 1821-3:
 1821-março-10. Lorde Cochrane com agradecimentos por honrarias recebidas em consequência da captura do "Esmeralda". Espera que Lima possa ser atacada antes que os navios espanhóis possam chegar, pretende livrar todos os navios de guerra da baía de Calao. Exprime antipatia ao país e povo do Peru. Recomenda encorajamento dos portos e comércio do Chile como treinamento para marinheiros. Refere-se à morte de sua filha.
 18-12-1822. Valparaíso. Lorde Cochrane pedindo demissão do serviço chileno "Como não tenho desejo de ter algo a ver com os distúrbios que agora acontecem". (cópia)
 12/março/1823. O'Higgins para Lady Cochrane sobre sua gratidão a Lord Cochrane; a anarquia que reina no país e sua vontade de dar ao Chile boas leis e sistema comercial liberal.
 Cartas a respeito de Henry Dean.
 Cartas de Alexander Caldecough, Santiago, sobre as petições sul-americanas do 10.º conde, 1854.
 Cartas referentes a prêmio oferecido pelo governo chileno 6.000 libras. 1852.
240. Cartas de capitães na Marinha Chilena, 1821.
 Cartas em espanhol, 1821.
 Contabilidades e recibos dos gastos da esquadra chilena, 1821.
 Cartas e ordens do general San Martin, Tomás Guido e B. Montegido, 1821-1822. (em espanhol)

Cartas aos ministros da Marinha e da Guerra do Chile e ao presidente do Congresso s/d.

Cartas a respeito do general Friere, 1823.

Cartas referentes ao caso do navio *Edward Ellice* detido durante o bloqueio, 1823 (veja-se baú 9).

Carta de Robert McFarlane a respeito da Fazenda Junteró, 1823.

Declaração de petições do Lorde Cochrane ao governo chileno s/d.

241. Cartas de Messrs May e Lukin, 1823.

Narrativa dos serviços de Lorde Cochrane, 1824 (veja-se n.os 466 e 467 no baú 5).

Rascunho de demandas ao imperador do Brasil 1824 e Assembléia Legislativa, 1853 e memorial impresso.

Apêndices à petição a Assembléia Legislativa.

Rascunho da "Introdução ao Memorial" e tradução em português.

Leis referentes às prisões de guerra.

242. Panfletos brasileiros a respeito de Lorde Cochrane (em português).

243. Livros de correspondências oficiais: cartas do Ministro da Marinha Brasileira de 26-11-1823 à 4-12-1824. 7 vols. (em português com índice em inglês no início de cada volume).

244. Cartas e relatórios do capitão Crosbie, capitão Taylor e outros capitães da esquadra brasileira, principalmente a respeito de questões administrativas, 1823-24.

245. Notas cronológicas dos acontecimentos no Chile 27-11-1818 a 23-6-1821, intituladas: "Negócios Navais no Chile".

Contabilidades e recibos, 1820-25.

Cartas dando opiniões a respeito da segurança do porto de HERRADURA, allás Bernardo, 1820.

Cartas a Lorde Cochrane do comodoro Sir Thomas Hardy e outros oficiais britânicos a respeito do bloqueio e navios britânicos cujas cargas foram tomadas, 1821.

Cartas em espanhol e português, 1821-57.

Proclamação de Bernardo O'Higgins (em espanhol).

Ordens (miscelânea) de O'Higgins, 1822. (em espanhol).

Cópia da carta de Lorde Cochrane a O'Higgins "San Martin agora desistiu da pompa externa de Protetor e... agora aposentou-se", 1822.

Relatório dos serviços de Lorde Cochrane ao Chile, s/d. Impresso.

Petições e discursos ao presidente e povo do Chile, s/d.

Cartas ao Ministro da Marinha Brasileira s/d.

Caso do tenente Sewell, 1824.

Carta a Lorde Cochrane do "Imperador Iturbide não muito antes de ser assassinado", 1824. (em espanhol)

Cartas a Lorde Cochrane de William Edwards, Rio Claro, a respeito da Fazenda de Lorde Cochrane em Rio Claro e declarando "O Supremo deve tomar a fazenda de Vossa Senhoria", 1824-5.

Cartas do Almirantado a respeito do Chile, 1847-49.

PAPEIS DA FAMÍLIA DUNDONALD, — Baú 7.

247. Papéis em espanhol rotulados "Aparentemente de pouca importância".

248. Documentos a respeito das demandas chilenas do 10.º conde, 1837-57.

Incluem:

- Mensagem ao povo e presidente do Congresso do Chile, 1837.
 Observações a respeito da carta de Don Rafael Correa de Saa, 1838.
 Cartas do Foreign Office, 1841-57.
249. Opinião sobre as demandas do Sr. Scully contra o conde de Dundonald, 1838.
251. Correspondência do general San Martin, 1820-21. ((em espanhol)
252. Nomeação de Lorde Cochrane como Almirante no Serviço chileno.
 Cartas de O'Higgins, Diretor do Chile, 1819-22.
 18-3-1819, nascimento de uma filha de Lady Cochrane.
 2-9-1819, proposta de ataque a Callao.
 29-11-1819, fracasso dos foguetes em Calao e descrição do povo do Peru.
 12-11-1821, relações entre Chile e Peru. (em espanhol e inglês)
 Proclamação das Forças Unidas pela liberação do Peru, 1820. (traduzida)
 Cartas do coronel Miller, 1821. (Veja-se maço 260)
 Nota cronológica dos acontecimentos do Chile, 1821-23.
 Tradução de acusações do general San Martin contra Lorde Cochrane, 1822. (veja-se também n.º 263)
 Carta de Lorde Cochrane ao general San Martin em resposta às acusações acima referidas, 1822-40 pp. mais 18 pp. do Apêndice de Documentos.
 Mensagem ao Presidente e governo do Chile, s/d.
 Papéis originais referentes ao navio "Almirante Cockburn, e cartas do caso John Heyman "que não foram mencionadas na declaração" (Veja-se maço 22, baú 9).
253. Cartas de oficiais durante a campanha chilena a respeito de assuntos administrativos, 1819-21.
 Julgamentos e punições de oficiais, 18-19-21.
 Carta em espanhol.
 Livros (lista de tripulação) do "Independência", 1820.
 "Lista de Ranchos, Fregata Esmeralda", 1820.
254. Cartas de oficiais do esquadrão chileno, 1821-22.
 Cartas do brigadouro Arturo Wavel e José de Omedo, Guataquill e muitas outras (em espanhol), 1821-22.
 (Apesar de constar na lista do maço cartas de O'Higgins de 1820, estas estavam faltando).
255. Rascunho de relatório do Lorde Cochrane sobre a ação de Callao, 23-10-1819.
 Lista de oficiais que entraram no serviço do Peru sem permissão, cópia, 1820.
 Cartas do capitão Guise referindo-se as presas de guerra (1820).
 Cópia de carta do Lorde Cochrane, talvez para O'Higgins, pedindo demissão, devido a recusa do governo em levar o julgamento do capitão Guise à Corte Marcial, 12-7-1820.
256. Cartas de Ignacio Tenterof, general San Martin e outras de oficiais chilenos, 1820-22. (em espanhol)
257. Cartas do ministro da Marinha chilena, 1821-22. (em espanhol)
258. Cartas de Ignacio Tenterof e do ministro da Marinha chilena, 1819. (em espanhol)
 Ata da Corte Marcial contra oficiais da fragata "Valdivia", 1821.
 Cartas dos capitães Spry e Guise sobre a corte marcial acima, 1821.
259. Diário de bordo da fragata Esmeralda 9-2 a 17-4-1820.

- Cartas do general San Martin, 1820-21. (em espanhol)
Cartas do Cr. Goldsak sobre almoxarifado do governo, 1822.
Relação das importâncias devidas a Lorde Cochrane pela captura do "Esmeralda" e outras prêses de guerra, s/d.
260. Grande número de cartas muito interessantes do coronel William Miller sobre operações militares no Chile, 1821.
Cartas de Correa de Saa, 1822.
Relação de despesas, s/d.
261. Cartas, ordens e instruções, principalmente em espanhol, de autoridades chilenas, incluindo:
O'Higgins.
General San Martin.
Ignacio Tenterof.
José de Olmedo.
Ramon Freire, 1820-21.
Relação da carta do *Lord Suffield* e *Edward Ellice* (cópia), 1820.
Conta de Lorde Cochrane com Messrs Maude & Co., 1820-21.
262. Cartas dos capitães do esquadrão chileno, 1821-23.
Cartas do cônsul britânico no Maranhão, 1823.
Cartas de John Miers, 1823.
Mensagem ao Imperador, s/d.
Breve relatório de serviços no Brasil, s/d.
Carta de John Moore referente a prêmios de guerra, 1856.
263. Cópias da ação por calúnia feita pelo general San Martin contra Lorde Cochrane, sua resposta e documentos relevantes.
264. Dissolução do acordo feito entre Lorde Cochrane e John Miers, e cartas de John Miers referentes a maquinária, fábricas etc. nas quais Lorde Cochrane estava interessado, 1820-22.
265. Mapa do Rio Guaiquil.
266. Cartas e ordens a capitães do esquadrão chileno, 1821.
Cartas de Alexander Caldcleugh, Santiago, referentes a prêmios de guerra 1841-46.
267. Breve relatório dos serviços de Lorde Cochrane no Chile e Brasil, 1821-25.
Breve relatório de serviços do general William Miller na América do Sul, 1817-39 (veja-se n.º 260).
Breve enumeração dos serviços de Lorde Cochrane no Brasil.
Contas e papéis em português.
Cartas e papéis enviados a William Jackson pelo capitão Grenfell, para estudos de demandas feitas ao governo chileno.
Mensagens ao Imperador do Brasil e ao Ministro da Marinha Brasileira.
268. Cartas referentes ao cerco de Callao e capturas ali feitas, 1821.
Carta referente ao *Cleópatra* que secretamente mandou provisões a cidade de Callao durante o cerco enquanto mostrava uma bandeira de paz, 1821.
Notas do Lorde Cochrane referentes ao bloqueio de Callao, 1821.
Relatório de mercadorias colocadas a bordo do *San Martin* por Lorde Cochrane, 1823.
Certificado de tonelagem e avaliação do *Esmeralda* e do *Portillo*, 1824.

- Catálogo de mercadorias em navios tomados por Lorde Cochrane durante a campanha chilena, s/d.
- Contas de Lorde Cochrane com William Cochrane e contas do capitão Hayden com Mr. Cramond, s/d.
- Carta do capitão Dawson referindo-se à proteção de Lorde Cochrane a navios mercantes durante o bloqueio de Callao, 1829.
- Extrato de rendas e despesas do Chile, 1833-39.
269. Relação de despesas, 1818.
- Cartas e papéis referentes a prêmios de guerra, 1820-5.
- Cartas de 1821, es espanhol, enviadas a Joaquim Benitez para tradução em 1859-60. Missivistas incluídos:
- Bernardo O'Higgins.
- Ignacio Zentrof.
- Mariano de Exama.
- Joaquim del Scheverria
- General San Martin.
- B. Montecagudo.
- Extrato de diário de bordo da nau mercante *Joseph*, 1821.
- Cartas ao Sr. Egano referentes a demandas feitas ao governo chileno, 1825.
270. Memorando autografado pelo 10.º conde sobre sua recepção ao Rio, s/d.
- Panfleto (Impresso) feito pelo 10.º conde aos cidadãos do Chile.
- Papéis referentes à visita do 11.º conde a América do Sul.
- Sem n.º Devoluções feitas por Paul Delano de lanchas, barcos oficiais e homens pertencentes aos transportadores, 7-10-1820.
- Proclamação de Lorde Cochrane 14-5-1821. (em espanhol)
- Declaração do Lorde Cochrane de que estava pronto para provar atos de hostilidade do general San Martin contra a República do Chile, no inquérito sobre a conduta de San Martin, outubro de 1822.
- Sem n.º Lista de pessoas que visitaram Lorde Cochrane em Santiago, em seu retorno do Peru, 1822.
- Cartas do tenente Wilson referindo-se a perda do navio aprisionado *Imperador Alexander*, 1825.
- Cartas 1837-60.
- Alexander Caldcleugh, Santiago, sobre prêmios de guerra.
- Joaquim Benitez, Londres sobre erros na tradução de "Narrativa de serviços na Liberação do Chile e Peru", 1850.
- General William Miller, 1860.
- Sem n.º Cópias de cartas de Lorde Cochrane durante a campanha chilena para capitães de navios, ministro da Marinha, etc.
- Cópias de outros documentos do período 1819-20.
- Incluem-se relatórios de Lorde Cochrane sobre a captura do *Valdivia*.

ALGUNS TRABALHOS SÔBRE LORD THOMAS COCHRANE *

Cochrane, Alexandre Thomas — Lord — *Memórias*, Madrid, Bibl. Ayacucho, s.d. (corresponde ao 1.º vol. da ed. inglesa) Nada tem sobre o Brasil.

Wood, Geoffrey — *Admiral Cochrane*. Conferência na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, publicado em *Ariel*, revista dessa Sociedade. Rio, n.º 2, 1962. (Na capa aparece o retrato de Cochrane, havendo inclusive excelentes ilustrações).

Boiteux, Lucas Alexandre — "A esquadra nas lutas da Independência", *I Congresso de História Nacional* (1922), — RJHGB, Esp. V, 49.

Boiteux, Henrique — *Os novos Almirantes*, I vol., Rio, Imp. Naval.

Cochrane, A. T. — *The autobiography of a seaman*, com a colaboração de J. B. Earp e W. Jackson, 2 vols., Ld. 1859-1860. (Vai até 1814).

Cochrane, A. T. — *Narrative as services in the liberation of Chili, Peru and Brazil*. Trad. para o português por A. R. Saralva, Londres 1859. Earp acabava de completar a *História da guerra da Criméia* em defesa de Napier, "able pleader". Cochrane deixou-lhe no testamento 10% do dinheiro a receber do governo inglês ou estrangeiro.

Cochrane, 11.º Conde de Dundonald (filho de Cochrane) — *Life of Thomas Cochrane 10th. Earl of Dundonald*, com o auxílio de H. R. Fox Bourne. Londres, 1869, 2 vols. (Desde a ida para a Grécia até a morte).

Cochrane (neto) — Publicou um resumo destes volumes, cujos dados são desconhecidos (1).

Atlay — *The trial of Lord Cochrane*. Livro encomendado pelo neto de Ellenborough.

Ellenborough, Lord (descendente também do juiz) — *Guilt of Lord Cochrane in 1814*, Londres, 1914.

(*) Agradecemos a colaboração do historiador Américo Jacobina Lacombe que nos enviou as indicações aqui transcritas.

(1) N.A. Este volume é usado no presente trabalho.

Fortescue — *English men of action, 1906.* (Com relativos elogios a Cochrane).

Conde, Herminio Brito — "A questão Cochrane. A independência no Piauí e Maranhão". *Ins. Pan-Americano de Geog. e Hist. Assembléia inaugural, Rio, IV* 275. Este autor escreveu ainda: *Cochrane, falso Libertador do extremo norte*, Jorn. do Brasil, 26, II, 1928, depois em folheto (2).

Lloyd, Christopher — *Lord Cochrane-Seaman-Radical Liberator*, London, Lorymans, 1947.

Cunha, Higino — "En defensão de Lord Cochrane", *Jornal do Comércio*, 29.I, e 12.II. 1928.

Pessoa, Salustio Elói — (Críticas a Cochrane a propósito das *Memórias*), *Revista Popular*, 1859, III, 182, 248, 317, IV 53.

Viana, Sá — "O Brasil e a arbitragem internacional". *Anais da Bibl. Nacional*, XL, 1918, p. 115. Análise da sentença arbitral que resolveu as reclamações de Cochrane com o Brasil.

Schnoor, Luis — "Reparação necessária devida a Lord Cochrane", *Jornal do Comércio*, 2.II, 1930.

(2) A publicação deste panfleto, segundo o testemunho de A. J. Lacombe, exerceu influência no espírito de Tobias Monteiro quando este elaborava sua *História do Império*.